

DIRECTOR: Firmino de Vilhena

Redacção, administração
e Oficinas-tipograficas

Avenida Agostinho Pinheiro.

Decano dos jornais portugueses

Campeão das Províncias

fundado em 14 de fevereiro de 1852 por

Manuel firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Em Portugal, 4\$20. Para além-mar, 6\$50.
Para os restantes paizes, 12\$00.

Numero do dia, \$10; atrasado, \$12.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispendir com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.

Não se restituem os originaes.

Publica-se aos sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª pagina, \$50; na 2.ª e 3.ª \$40; na 4.ª \$35; na 5.ª e 16.ª 30; na 7.ª \$25; na 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelo linometro de cp.º 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10 % nas suas publicações ou impressos feitos nas nossas Oficinas-tipograficas.

O CRIME DE SERRAZES

À LUZ DA LÓGICA

Consumado o crime, logo, como em todas as situações, se formaram dois partidos—um, que acusava; outro, que defendia. Foram passando os meses. E já quando do primeiro julgamento, em S. Pedro do Sul, o que era que nós víamos? Dum lado, os da defesa, incansáveis, pugnando lialmente pela absolvição de dois homens cujo único crime era terem feito o sacrificio do seu futuro pelo desagravo da honra ofendida; do outro, a acusação, sedenta de vingança, espumando ódio, insultando, mordendo na sombra, traiçoeira, a exigir a pena última para os réus.

Matarem? Não-de pagá-lo, dizia.—E ela lá sabia porque dizia assim—Manda-o a lei. Cumpra-se a lei. E queria uma lei a seu modo, uma lei que só castigasse, que não reconhecesse direitos e atenuantes nem acoitasse justificações, uma lei especial, que fôsse ministrada por pessoas especiais. Daí, o não se satisfazerem com um juri simples e requererem um juri mixto—lucrava-se com isso, ainda, o fazerem estar mais tempo na cadeia os dois acusados, sem que esse tempo lhes pudesse ser descontado, depois, ao ser-lhes comitada uma pena maior.

A lei pune os crimes. Mas em Serrazes houve mais um drama que propriamente um crime. Meter neste caso a lei, mas unicamente a lei, é mau, é péssimo. Num caso destes, a lei tem apenas um papel—o de dar sanção ao *verdictum* do juri.

O assassinio do dr. Augusto Malafaia foi o epílogo dum longo drama de amor. Junte-se à lei o coração—que eles conjugam-se—, e julgue-se depois. Sejam justos, sim, mas não deixemos de ser humanos. A lei é feita pelos homens, para os homens. E o homem que não tem coração não pôde reger e imperar naqueles que mostram tê-lo, e que por ele procedem—não é um homem, esse, é uma fera.

O que de falso se tem dito e escrito sobre este já célebre crime, levou-nos a publicar estas notas, que coligimos nas audiências do julgamento. Há, nelas, afirmações nossas e afirmações da acusação. Estas, documentamo-las com as citações dos monumentos em que se encontram registadas. As nossas, são o producto de deducções que fizemos, e que cremos serem as mais conformes à verdade.

E assim, este nosso trabalho apresentamo-lo com um único valor—o da sinceridade.

Houve um crime. Os réus mataram. Não há que discutir, pois que ninguém nunca o negou. De quem partiu, porém, o tiro *causa mortis*? O exame pericial não o diz, e é estulto querer tirar ilacções desse infeliz exame feito às balas (refiro-me àquilo a que os técnicos chamam a *camisa de aço*). Que importa que as perfurações nas espoletas sejam de duas espécies e que as quatro cápsulas encontradas mostrem nitidamente essas perfurações, se não se pôde demonstrar (e ninguém tentou, sequer, demonstrá-lo) que determinadas balas eram de determinadas cápsulas?

A descrição da cena que precedeu o crime, feita pela a acusação, também é... a capricho. Quanto trabalho, quanta arte, que de cuidados revelou! Mas... como convenceremo-nos de que uma creatura que discute acaloradamente possa estar socegada e bem recostada e sentada numa cadeira de estofos «que tem a particularidade de nos não consentir mais que uma única e cómoda posição», e esteja imóvel e de braços pendidos quando, atacada na sua dignidade de cavalheiro, grita: «Você mente»? (Vid. depoimento de D. Eugénia Malafaia, a fl. 57 a 61).

Os réus mataram. Ninguém o contesta.

Mas mataram porquê? Por distração ou *sport*, sem um motivo mais ou menos plausível, mas enfim um motivo? Há quem afirme, sustente e defenda semelhante coisa? Há (ou melhor, houve), a acusação, que disse nunca se poder perguntar a um criminoso qual o motivo ou motivos dos seus crimes—é que para o sistema de ataque *desse dia* requeria-se a inexistência dum motivo impulsor do crime.

O assassinio foi um efeito. E há efeito sem causa?

Pouco depois—logo na mesma audiência—, já a acusação apontava uma causa, depois outra, e outra... e se quiséssemos ter a paciência de as contar, encontraríamos mais causas do que de dias demorou o julgamento. Causa apontada num dia, era causa regeitada sem reboço no dia seguinte, quando não o era no mesmo.

Apreciemos, dentre tantas, três delas (as que foram sustentadas por mais tempo e em maior número de vezes—sempre o ódio, a febre de vingança, que era justa se fôsse sincera e nobre, a inventar calúnias, a transformar calúnias, a adoptar calúnias, conforme as necessidades de momento):

1.ª—O reatamento das relações de Bernardo Malafaia com o dr. Augusto Malafaia, de que resultou aquele senhor deixar de considerar sua única herdeira a casa Novais. José de Betencourt requestara a senhora D. Eugénia Novais, não pelos seus encantos naturais e pelas suas prendas, mas pelo seu dote, que essa herança futura, e por isso mesmo problemática (pois que quem espera por sapatos de defunto...), viria aumentar (Vid. folheto «O crime de Serrazes, III», pag. 145 e seg.). E a acusação argumentava que José de Betencourt era «bem conhecido como perigoso aventureiro, burlão e mentiroso, vivendo de expedientes» (art.º 22.º do libelo da *Acusação Particular*, a fl. 518).

Mas as testemunhas de defesa—todas—, ao mesmo tempo que garantiram o bom comportamento dos réus em todo o seu passado e na cadeia—onde cuidavam estremosamente dos presos doentes, pagando-lhes os medicamentos, assistindo-lhes como disvelados enfermeiros, sustentando-os e sendo, com o seu socorro monetário uns como pais das esposas e filhinhos desses maridos e desses pais presos e doentes—, afirmaram categoricamente que os bens de José de Betencourt orçam por alguns milhares de contos, e um telegrama do Conservador do Registo Predial de Angra do Heroismo veio confirmá-lo.

Porque não opôs a defesa os títulos representativos dessa considerável fortuna (?), perguntar-se-á.—E como podia a defesa opô-los, se essa *causa* tinha sido forjada e apresentada na véspera?

E a acusação particular, ela própria se confessou convencida, declarando que não mais voltaria a fazer-se ouvir sobre a decantação da falta de recursos de José de Betencourt, censurando até a defesa por tantas vezes falar numa fortuna que toda a gente sabia existir.

Mas, afinal, ainda a chamou várias vezes à balha. O programa de ataque ruía. Era preciso deitar mão de tudo, fôsse o que fôsse. Foi sempre assim que a acusação procedeu, desde o principio ao fim. Tinha sobre a toga uma saca cheia de pedras, que ia atirando às mãos cheias. Quando se esvaziava a saca, enchia-a de novo com as mesmas pedras—que a maldade também tem limites—, cada vez mais pequeninas e em maior número por se partirem de encontro à muralha inexpugnável da Verdade, mais cortantes de arestas, cada vez mais insidiosas, mais odiosas, mais infamantes.

2.^a—Matou (*matou*, note-se bem. E' sempre no singular que a acusação fála), matou por não querer casar com a noiva. «*Só, portanto, o tenebroso projecto de a elijar, quando lhe conviesse, explica o escândalo*» (do folheto cit., pag. 151. *Este folheto, mesmo com estas palavras e assim sublinhadas diz-se escrito por uma senhora, a mãe do dr. Augusto Malafaia*).

Pôsto que apresentada depois já de outras que foram sucessivamente abandonadas, esta é uma continuação, adaptada às circunstâncias do momento, uma variante, uma modalidade da 1.^a.

Mas isto representa apenas, ou um cansaço de inteligência ou uma nova incoerência. Então José de Betencourt «é um aventureiro, um burlão, um *escroc*, que não recua perante qualquer crime, o mais nefando», e tem escrúpulos em dizer à sua noiva: «não caso»? Não é coerente, e é mau.

Mas, enquanto que a calúnia rasteja, enlameando-se quanto mais procura enlamear, a verdade ergue-se, levanta-se pela força da sua beleza, impõe-se pela sua palpabilidade. O casamento desses dois adoráveis noivos não se fez porque o sr. Dr. Francisco Fernandes a isso terminantemente se opôs. Estava para ser mãe essa ilustre senhora, dizia-se, propala-va-se numa atroz campanha de descrédito. Era preciso deixar que os mezes—muitos mezes, longos mezes—passassem. E o casamento não se efectuou.

3.^a—Matou, porque a noiva a isso o instigou.

Não foi esta a última hipótese mais provável (como diria aquela seráfica testemunha de acusação que foi o *santo* padre Lara) apresentada pela acusação. Foi até uma das primeiras, e foi também uma das últimas, sem deixar de, entre um extremo e outro, ser citada inúmeras vezes. Deixámo-la nós para última nestas notas porque tínhamos de habituar-nos a esta ambiência de torpezas para a podermos discutir calando o grito de revolta, reprimindo o gesto de indignação que a sua lembrança ainda hoje e sempre nos provoca.

A noiva, essa cândida senhora, tão bela e tão boa, «despeitada» pela frieza com que sempre a acolhia o dr. Augusto Malafaia, inventa uma história ao noivo, pedindo-lhe que a vingue (*o próprio dr. Augusto Malafaia desmente essa afirmação da acusação, pois diz a José de Betencourt: «...como era natural com a familiaridade que com ela tinha, dizendo-lhe como costumava,—então Gêinha, Gêinha, como estás?» Vid. depoimento cit., de D. Eugénia Malafaia*).

Mas é medonho. E' horrível! E a gente fica-se a pensar se seria mais repugnante e horrorosa a verdade dessa asserção, se a coragem para a insinuar.

A senhora D. Eugénia Novais amava o dr. Augusto Malafaia, disse a acusação. Provas? Nenhunas. Argumentos? nenhuns. Éra uma afirmação mais, uma afirmação, como todas as outras, sem fundamentos, sem bases, nascida num cérebro que quer só perder, proferida por uns lábios que as próprias palavras queimam.

Se aceitou a corte de José de Betencourt, estando até prestes a contrair com ele os laços do matrimónio, como se compreende que amasse o dr. Augusto Malafaia?

E então, e como sempre, derivava a acusação a premeditação. O facto é, porém, que uma das testemunhas de acusação, que só em S. Pedro do Sul depôs, o sr. dr. Almeida Trianta, declarou ter sido ele quem disse aos acusados que o dr. Augusto Malafaia tinha chegado a Serrazes naquele mesmo dia.

Se os acusados não sabiam que Augusto Malafaia estava em Serrazes, como terem resolvido de véspera ir matá-lo à sua casa? Isso de premeditação é uma das tais coisas que depõe muito contra a inteligência duma qualquer reconstituição do drama, que não seja a verdadeira.

Então quem premedita um crime, pratica-o de dia, a uma hora em que não pôde deixar de ser visto, preso, infalivelmente preso? Se o tivessem premeditado, não prefeririam comprar um criado que, consumado o crime, fôsse gosar os trinta dinheiros para onde a justiça dos homens não mais o fôsse buscar? E se os réus quizessem matar eles próprios, porquê não o fazerem de noite, quando ninguém pudesse vê-los? E, se o tivessem premeditado, não éra natural que, tendo na casa do Mosteiro, donde de manhã saíram, um quasi arsenal, se municiassem lá do indispensável para o caso?

Mas nada disto se deu. As pistolas que levavam eram até de marca diferente, e uma delas fora-lhes emprestada na ocasião. E no entanto, a acusação têma—é contumácia—pela premeditação. O terreno foge-lhe debaixo dos pés, que vacilam. E quando a defesa descreve, altisonante e irrefutável o motivo do crime—«a casa Malafaia falia; só um casamento rico a poderia salvar do seu triste penhor, e o casamento rico estava ali perto, na casa Novais. Augusto Malafaia tenta o golpe. Vendo-o frustrado, recorre à violência, muitas vezes tentada com felicidade. Foi no Hotel Central, em Lisboa. Nesse corpiño fragil de doente, porém, encontrou Augusto Malafaia uma resistência tenaz, a de quem, inocente embora, sabe ser digna por saber ser Mulher. Na sua candura e no seu amor ao socego dos seus, a senhora D. Eugénia Novais nada do sucedido conta ao Pai nem ao irmão, ou conta-lho de forma a não deixar adivinhar a monstruosa verdade. Augusto Malafaia blasona-se, gaba-se do que fez e até, também e ainda, do que não fez. Soube-o o noivo, que o perguntou à noiva. E na ocasião em que, de passagem nas Termas de S. Pedro do Sul, alguém lhe diz que o dr. Malafaia já ha chegado a Serrazes, nessa mesma ocasião resolve ir pedir-lhe explicações. Na quinta de Serrazes havia muitos trabalhadores. Era conveniente prevenir uma possível agressão. Daí o pedirem uma pistola ou um revolver emprestado. Chegam a Serrazes. Entran. Põem a questão. Discute-se acaloradamente. Trocam-se palavras rudes. A. Malafaia, um homem esforçado, avança para o seu commandor, tentando detrubá-lo. Há uma cadeira que tomba. Ouve-se um tiro, depois outro, um terceiro, e por fim o último—, e quando a defesa descreve, altisonante e irrefutável, o motivo do crime, a acusação, que sente o terreno a fugir-lhe debaixo dos pés, que vacilam, arrependendo-se, ronca, com esgares de pismo e desespero, não faz senão arremedar: «houve premeditação... houve premeditação... houve premeditação...» E mais nada.

Mas partamos da hipótese de que a senhora D. Eugénia Novais tivesse inventado uma história para se vingar do desamor do dr. Augusto Malafaia—este papel de crítico tem momentos horribéis! Nesse caso mesmo, os réus mataram convencidos de que havia uma ofensa a vingar (a não ser que admitamos ainda que essa história não fôsse inventada pela noiva só, mas pela noiva e pelo noivo, o que a acusação também não repugna, como pôde ver-se a pag. 78 do folheto cit.). Mas então já não havia necessidade duma história, e a causa do crime teria de procurar-se de novo).

E o motivo do crime resalta clarivamente da própria lógica das afirmações da acusação—foi um motivo de honra. Mataram, um, para vingar a honra duma irman, que é a honra da sua família; o outro, para vingar a honra da sua noiva, que éra já também a sua honra. O crime é passional.

Disso nos convencemos pelo decorrer do julgamento, como já antes principiáramos a crer pela leitura dos livros que a acusação profusamente distribuía. A simples leitura desses folhetos basta para elucidar os que, exigentes ao máximo, não deixem, contudo, de ser justos. Que se acuse, está bem. Mas que, para acusar se recorra ao insulto... não é próprio, devemos convir, de quem durante largos anos tem em vista apenas prestar um culto à memória dum ente que se estremeceu.

Disso se convenceu o povo de Coimbra, que, à passagem dos acusados, se descobrira respeitosamente, dando-lhes o seu coração nas lágrimas que vertiam.

Disso se convenceram tantas mãis, tantas irmans, tantas noivas, que desde o primeiro dia assistiram ao julgamento, fazendo promessas à Rainha Santa pela sua absolvição.

Disso se convenceram todos aqueles que viram embranquecer os lindos cabelos negros dessa Mãe, que os pobrezinhos e os desgraçados conhecem pelas suas esmolas, e os que a viram, durante cinco anos de prisão do filho, costurando junto dele enquanto ele produzia verdadeiras obras de arte em cinzelagem e trabalhava na confecção do seu livro «Coelhos e Peles», reprezando as lágrimas, embargando os soluços da sua dor, para o animar a ele.

Disso se convenceu o sr. conselheiro Emídio Lino da Silva, avô de José de Betencourt, que à hora da morte abençoou o neto.

Disso se convenceram até aqueles que foram escolhidos para os julgar, e que desassombradamente o declaram (¹).

Manuel de Vilhena

(¹) Vid. Declaração, dos jurados Dr. João Sacadura Botte Corte-Rial, José dos Reis e Gilberto Simões, junta ao pedido de indulto da cidade de Coimbra, transcrita no «A Notícia», de 1 de abril, Declaração, junta ao mesmo, do jurado Aureliano José dos Santos Viegas.

Dr. Antonio Candido

Discurso do grande orador na sessão da Academia de 30 de março, agradecendo as homenagens que ali lhe prestaram:

Senhor Presidente da República
Senhor Presidente da Academia,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Agradeço á Academia a grande honra desta sessão magnifica, que me deslumbra, me entenece e me confunde.

A V. Ex.^a, Sr. Presidente da Academia, que, com a sua palavra diserta, eloquente, e singularmente autorizada, primeiro ergueu o meu nome e desvelou a minha figura literaria e moral perante esta assembleia luzentissima, apresentou as homenagens do meu respeito e os protestos do meu reconhecimento. — Aos insignificantes academicos, que esboçaram o meu perfil com voz mais amiga que justa, e procuraram embalsamar e compôr a minha figura para uma posteridade que o meu nome não atingirá, ou só alcançará na reverberação da profusa gloria que inundou esta sala, e que é deles e não minha; aos brilhantes oradores desta noite, que nos falaram a mais formosa linguagem, que se pode ouvir em Portugal—do fundo da alma dirijo a expressão dum imortal agradecimento.

E ao poderoso jornalista de pena de diamante, raro na luz, na graça, e na força, também orador academico aclamado nas tribunas do país e de fora dele, que exunou a minha palida memoria do tumulto de sombras em que ela mergulhava, expondo-a á atenção pública, não como ela era, mas engrandecida e transfigurada por um milagre de talento, de bondade, de piedade, toda a ternura gratissima de que o meu coração é capaz!

Abraço todos os meus confrades na Academia: e, destacando um para seu representante, fixo um antigo mestre meu, em tudo mestre admiravel, que com a sua clara lição e o seu alto exemplo acendeu no meu espirito as luzes a que ele viu melhor o escopo e o ideal da prestante, persuasiva e elegantissima eloquencia!

Meus senhores.

Eu não mereço estas homenagens. Digá-o sinceramente: com a alma aberta, que podeis ler até ao fundo. Na minha curta bibliografia não retuigem os titulos duma obra insigne; na minha modesta vida pública não colherá a historia um acto digno de que o futuro o memore e celebre; da minha passagem pelas tribunas do país, que foram a paixão maior da minha vida, e são hoje uma pungente saudade na minha invalidez e decadencia final, não advieram resultados positivos ao meu país.

Não mereço estas homenagens, nem as sonhei.

Contive e moderei sempre a minha vaidade, que nunca enconstrou na minha consciencia alentos que a sustentassem; mas se alguma vez a minha vaidade delirou, nem nas suas mais febris alucinações, julguei possivel que esta fulgida coroa viesse a mim! E só acalma o meu animo surprehendido e inquieto a esperança de que esta s. rudação solenissima seja a inicial duma serie, em que os mais res valores da nossa patria sejam reconhecidos e premiados; e, se não o for, ficar-me-ei considerando f. rçado possuidor, descontente e constrangido, de exceptionais honrarias que não procurei, nem desejei: que não declinei, embora intimamente o quizesse, porque a recusa pareceria rude ingratidão ou feio desprimor da alma.

Tanto divino poeta floresce nesta terra abençoada de Deus, a louvá-la, a glorificá-la no passado esforço heroico das suas épicas façanhas, ou revelando ao mundo, por mil formas de sentimento e arte, a sua adoravel feição lirica, que é o soberano encanto, unico em todas as literaturas, do nosso genio e da nossa raça! E principiou-se por mim...

Meus senhores.

A grande felicidade faz-me medo. Fez-me sempre.

Nunca andam dissociadas, e muito distantes, a alegria e a dor humana; e, na minha vida, alternam de tal modo, num ritmo psicologico constante, a luz e a sombra, o entusiasmo e o desalento, o prazer raro com a melancolia frequente, que, se a fortuna me sorri, logo a minha fantasia vai descortinar o ponto negro, que alastrando, alastrando... fará a noite no meu espirito por mais ou menos tempo!

E' verdadeiramente a unica superstição que eu tenho.

Mas hoje essa superstição não terá poder sobre mim. Não ousarei dizer a esta hora: *pára, que és perfeita*, como Goethe intimou a uma hora semelhante; atravessá-la-ei sem que uma nuvem de receio me entolde o ar e o céu. Soado o momento supremo, o momento de Deus... acabar na graça, na ternura e na piedade duma patria que se adora é o melhor destino sobre a terra!

Meus senhores.

A minha frouxa sensibilidade, enfraquecida pela idade e pela doença, e desvaída por tantas comogões sucessivas, não me permite falar longamente: e terei de levar para a sombra de que me tiraram, e a que logo volto, o coração regorgitante de sensações, que não têm hoje, não podem ter, o seu desafogo possivel e preciso. Mas tomarei a vossa atenção ainda por alguns minutos.

No epilogo da famosa *Oração da Corôa*, Demosthenes — (e trago aqui o seu nome de proposito para que, erguida na vossa imaginação a figura colossal do maior orador da antiguidade e de todos os tempos, váo para ela todas as homenagens rendidas á palavra humana, personificadas na sua energia omnipotente e no seu resplendor inegalavel); nessa famosa oração, que Latino Coelho, brazão inescurecível desta tribuna, trasladou a português no ouro rematando-a, e tomando para si o titulo de honesto cidadão, por ser o que menos ofenderia a inveja de ninguém, e enumerando as primaciais qualidades que o deviam exornar, avultou a de que, em todas as ocasiões e em todos os actos, ele guardaria *lealdade e amor á patria*.

Esta qualidade tenho, meus senhores; por ela não sou indigno da vossa consideração e da vossa empatia; e na efusão do alto sentimento que esta qualidade representa, mais do que no conspecto de qualquer ficticio ou exagerado merecimento, posso receer o vosso abraço espirital, que fecha as datas culminantes da minha vida, quasi no fim.

Amei-a sempre, a nossa adorada patria: e amei-a com amor mistico e pagão na beleza inextinguível do seu torrão bendito, na excelsa grandeza do seu genio historico, na profunda e veneranda tradição em que filham as raizes da nossa alma colectiva, na anslata e indefinida aspiração a um futuro melhor e maior, sem limite de extensão e de tempo.

Vivi e revivi muitas vezes a sua maravilhosa historia, a minha lição gostosa em todo o tempo, e meu preferido encanto nos ultimos anos de silencio e de paz; ubi alvorocendo ás cumiadas iluminadas da sua ingente gloria, e desci compungido aos vales sombrios que a fatalidade rasgou ao seu percurso desigual através dos séculos; e das minhas repetidas peregrinações voltei sempre reconfortado na crença do seu imortal destino: não esfriando o meu culto á sua grande alma, nem quando ela osmorecia, e a lugente toada dum pessimismo dolorido lhe soluçava os trens da perdição e da desgraça!

Sentia-a sempre estruturalmente forte pela sua heroicidade inata, resistente como o bronze na sua indomavel força moral, que os infortunios não quebram e, se abatem momentaneamente, não a vencem, não aprestram. E hoje, á sombra devastadora e sinistra da maior calamidade humana que ensanguenou a terra e escurecerá a historia. Portugal, parte integrante essencial da Europa, e um dos maximos factores da sua civilização preeminente, pôde ser uma expressão adoravel do direito sem a enorme força, que tantas vezes o deprime, da dignidade sem esplendidos aparatos, da honra sem maculas visíveis, do ideal que ele desde a Renascença levanta e ostenta entre todas as nações do mundo. Póde ser e será.

Tenhamos fé: mas não esqueçamos de que a fé sem obras não salva, e que as acções dignas e uteis só de bons sentimentos nascem!

Meus senhores.

Citei-vos ha pouco um dos mais gloriosos nomes de Atenas, do tempo de Sophocles, de Platão, de Pericles e de Phidias: igual, se não maior que qualquer destes; e foi-me doce, numa noite de tanta espiritualidade, levar-vos a imaginação a essa Hélade paradisíaca, em que as letras, as artes, as sciencias e os costumes civicos tiveram a sua aurora encantadora, e o seu meio-dia pleno de claridade, de razão, de graça, de ordem moral, de perfeição poetica, de completa harmonia, de beleza absoluta e eterna. E vou agora pedir a ultima citação á Grecia antiga, remota e obscura, em que se adivinha a veneravel velhice de Homero, e se enxerga a mais luz o vulto portentoso de Eschylo; e faço essa citação, não para a aplaudir e lhe apropriar o conceito, mas para a combater com a minha convicção e com o meu protesto.

Hésiodo, que foi pastor da Hélicon, e cantou os seus poemas nessa idade fabulosa, execrando e maldizendo o seu tempo, não se sabe porque, foi o primeiro que exclamou:

Oh! que bom fôra que eu tivesse acabado mais cedo, ou tivesse ao mundo mais tarde... E esta exclamação repete-se mil vezes nas épocas de transição, em que homens de pouca fé desvaíram e facilmente sucumbem; mas não é razoavel, nem justo. A luz da fé divina e humana todo o tempo é bom e fecundo. Crer no futuro, pressenti-lo através das brumas mais ou menos cerradas da hora presente é de alta filosofia: em todas as idades, ainda na apparencia as mais desoladas e estereis germina misteriosamente, em evolução interminavel e com a sua virtualidade nunca exausta, o genio da nossa imortal especie, incessante, progressivo, aspirador do melhor.

Esperemos sempre. Melhores dias do que estes, que são palidos e tristes em todo o mundo, virão á terra ensanguentada e obscurecida.

A humanidade passa sempre pelo Calvario dos grandes martirios para alcançar o Thabor das magnificas transfigurações! Esperemos!

E agora, meus senhores, as minhas ultimas, solenes palavras.

Porei nelas a minha alma toda. A fé religiosa que ilumina a minha consciencia desde a infancia, que é o nosso natural e primeiro estado de graça, não me fez santo; o amor á minha patria, terra sagrada, como no velho conceito da Grecia e de Roma, não se desentranhou em benemerencias de geral e prática utilidade; a minha identificação com o meu tempo, á falta de faculdades próprias, não logrou que eu, de alguma forma, o embelescesse, exornasse e servisse com toda a medida dos meus desejos, e nem ainda na possibilidade das minhas forças.

Mas destes sentimentos o ideal existiu sempre no meu espirito, e hoje parece-me que ele era visivel e foi notado.

Foi a esse ideal, tão vosso como meu, e mais trasladado formosissimo das vossas almas do que síntese positiva dos meus meritos, que vós decretastes palmas e ofertastes fiôres; e que ao fulgor dele formastes a lenda poetica do meu nome, que esta hora levará consigo á torrente dos inevitaveis esquecimentos, e urdistes com fios de ouro a insubsistente ficção da minha gloria, que passará como o fumo.

Mas tudo isto, a lenda e a ficção, deponho, ajoelhando, no altar sacrosanto da Patria!

A Meditação de Jesus

viste n'os de joelhos de roda da tua cruz.

Árvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens, e foi-nos provado então que ela nascera do Calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina: a filosofia actual ergue sobre a ruina dos sistemas passados o lábaro da tua filosofia.

A ciencia que indaga maravilhas pelos plainos do céu, ou vai procura-las nas lobregas entranhas da terra; que as busca nos continentes, ou no vulto enorme dos mares, amontôa-as para com elas tecer a corôa da tua gloria.

As nações que vês agitarem-se e rugem dolorosamente em dolosamente em lutas civis, não fazem senão preparar-se para poderem escrever nas táboas de bronze das leis duas palavras, que resumem todo o Evangelho — liberdade e fraternidade.

Aquelas, enfim, a quem a natureza enriqueceu com os tesouros do genio, derramam a seus pés quantas harmonias mais sublimes e suaves a poesia revelou a este século, que crê e espera, como Maria, o balsamo de nardo.

A mim, que sou pobre como a viuva que afasou o obolo,

Mas a ingratidão não foi exterminada da terra!

Veio um século em que a árvore da civilização e da ciencia estava rova e cheia de viço: a vasta sombra de seus ramos abrigava a melhor parte do genero humano: e os filhos da civilização e da ciencia começaram a envergonhar-se de ti, e logo depois a motejar-te, e a cuspir-te nas faces como haviam feito os judeus.

Os desgraçados pensavam que essa árvore plantada por ti — e por ti só — tinha chegado á perfeição do vezejar; e que os que viviam debaixo dela eram bem superiores aos que escodera na terra a sementinha incongnita da qual ela nascera.

O evangelho era, porem, eterno!

Quando tu, Senhor, lançaste os olhos torvados do alto, dos céus para condenares estes homens orgulhosos, estes sabios que reneavam da origem de toda a ciencia, eles tinham passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o grande silencio das tuas campas.

E a nós, que lhes sucedemos,

perdoarás por certo, oh Cristo, estas linhas escritas no pedestal da tua cruz, durante os dias em que os teus crentes celebram a memória do tremendo sacrifício do Golgota.

A. Herculano.

Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, o sr. José Policarpo da Rocha Amorim.

Amanhã, as sr.^{as} D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto Basto, D. Clotilde da Cunha Santiago e D. Beatriz Braz Frade.

Além, a sr.^a D. Ludovina Rosa Sertã de Oliveira.

Depois, as sr.^{as} D. Catarina Amélia de Vasconcelos de Azevedo e Silva, D. Maria José de Oliveira Pinto de Souza e D. Eliza Leão.

Em 18, as sr.^{as} D. Margarida Almeida de Vilhena Torres e Cidália Estrela de Castro Machado.

Em 19, as sr.^{as} D. Maria do Céu Duarte e Silva, D. Laura Ferreira Esteves, e D. Iréne Saramago.

Em 20, as sr.^{as} D. Libânia Abranchedes Ferreira da Cunha, D. Maria Cardal de Lemos e Lima e o sr. Conde de Carcavelos.

Em 21, a sr.^a D. Celeste da Conceição Pereira Marinho e os srs. dr. Carlos Alberto Ribeiro e Luiz Moreira Regala.

Visitantes:

De passagem para o Alentejo e de visita aos seus, estiveram em Aveiro, o sr. dr. Joaquim Toscano de Sampaio, e sua esposa a sr.^a D. Belmira Cunha.

Esteve em Aveiro, tendo regressado já ao Porto o sr. Pedro Paulo de Melo.

Viageiros:

Acompanhado de sua esposa e filho, seguiu para Setúbal o nosso amigo, sr. dr. Adriano de Vilhena Pereira da Cruz, distinto advogado e notário naquela comarca.

Semana santa.—Têm decorrido com o costumado brilho as solemnidades comemorativas da paixão e morte do Redentor, sendo enorme a concorrência dos fieis aos templos onde se realizaram. Na quinta-feira as que melhores decorações apresentaram foram os da Apresentação e Carmelitas. A procissão da Misericórdia que visitou todas as igrejas onde estava exposto o Santíssimo, ia numerosíssima e na melhor ordem. Nas ruas formavam alas massas compactas de povo, que ajoelhavam reverentes á passagem da veneranda imagem do Senhor *Ecce-Homo*, um primor de escultura e motivo da maior devoção para todo o Aveiro.

Na sexta-feira, as cerimónias da Paixão e da Adoração da cruz, nas igrejas da Apresentação e da Misericórdia revestiram verdadeira imponência, sendo magníficos os sermões pregados ali pelo revd.^o dr. Meireles e aqui pelo revd.^o conego José Botelho.

Vida oficial.—Nos últimos concursos para delegados do procurador da República, foi aprovado, com boa classificação, o nosso amigo, sr. dr. Alberto da Fonsêca, antigo sub-delegado nesta comarca.

PROTESTO

A Comissão-política-municipal do Partido-democrático do concelho de Oliveira do Bairro, por si e interpretando o sentir do povo republicano e o de todas as pessoas dignas, deste concelho, protesta energicamente, profundamente indignada, contra a tórpe, injusta e caluniosa campanha levantada em *O de Aveiro* pelo dr. Lucio Vidal, ex-governador civil deste distrito, e por outros, contra o actual governador civil, sr. dr. Antonio da Costa Ferreira—campanha que tem em vista unicamente inutilisar a politica abertamente republicana por sua ex.^a posta em pratica e até hoje ainda não excedida neste distrito por nenhum dos seus antecessores.

Esta campanha é tão baixa, reles e indigna, que se chega a afirmar que o dr. Costa Ferreira é um *bebedo incorrigivel*, por onde se pôde ajuizar do valor de todas as demais afirmações feitas pelos seus inimigos, tão desleais e indignos que não permitem que pessoas de bem, como o dr. Costa Ferreira, sem quebra da propria dignidade, respondam mais a tão vis caluniadores.

Oliveira do Bairro, 7-4-1922.

A Comissão

Ocorencias de 1920

Dia 15 de abril.—A ventania recrudescce, impedindo a navegação na ria.

Dia 16.—No canal aberto para a saída do *Desertas*, torna a pescar-se grande quantidade de robalos.

Dia 17.—Fala-se em commercio livre, pelo que tornam a desaparecer varios generos do mercado.

Dia 18.—Vende-se um casal de perús por 40\$000, com destino a Espanha.

Dia 19.—Pensa-se em adiar as *Festas da cidade* por falta de meios.

Dia 20.—Outro cão raivoso vindo de fóra atravessa as ruas da cidade mordendo noutros.

Dia 21.—Alguns marnotos preparam já as marinhas para a proxima *safra* do sal.



Beleza não se adquire, mas deve-se conservar a que se tem. Para tal fim não useis senão especialidades verdadeiramente higienicas, como o *Crème*, o *Pó* e o *Sabonete Simon* (sem prenome). Desconfiar das contrações e exigir o verdadeiro nome. A venda em toda a parte.

Grande marca franceza.

Para os efeitos legais se anuncia que por escritura de 8 de abril de 1922, lavrada nas notas do notario desta comarca, Barbosa de Magalhães, foi aumentado de 260:000\$00 para 270:000\$00 e modificado o pacto social da sociedade por quotas de responsabilidade limitada, denominada «União Gafanhense, Limitada», constituida por escritura feita nas mesmas notas em 19 de abril de 1920, passando a referida sociedade a reger-se pelas condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade por quotas de responsabilidade limitada, cuja duração continua a ser por tempo indeterminado, passa a denominar-se «Empresa de Pesca Portugalia, Limitada», denominação que será usada só pelo gerente, seguida da sua assinatura individual e unicamente em assuntos e contratos da sociedade.

2.º

A sua séde passa a ser nesta cidade de Aveiro.

§ unico.—A sociedade pôde estabelecer sucursais, filiais ou agencias onde e quando o julgar conveniente, e nomeadamente pode ter um escritório no lugar da Gafanha.

3.º

O seu objecto é a pesca de bacalháu, seu commercio e fins atinentes.

4.º

A sociedade é representada ativa e passivamente em Juizo e fóra dele, por um gerente, com dispensa de caução e com a remuneração arbitrada pela assembleia geral.

§ 1.º—O gerente exercerá tal cargo pelo periodo que a assembleia geral lhe fixar, podendo ser em qualquer altura e quando á sociedade convenha, destituído das suas funções.

§ 2.º—Fica desde já investido na gerencia, até á reunião da assembleia geral ordinaria de 1923, o socio Francisco Fernandes Caleiro.

5.º

O Conselho fiscal compõe-se de três membros, que exercerão as suas funções gratuitamente, pelo periodo que a assembleia geral lhe fixar.

§ 1.º—Cumpre-lhe, além das atribuições legais, a fiscalização de todas as opera-

ções sociais e coadjuvar com o seu parecer, o gerente.

§ 2.º—Para o compôr até á reunião da assembleia geral de junho de 1923, ficam desde já nomeados os socios doutor Manuel Pereira da Cruz, Domingos Leite & C.^a, Limitada e Francisco Lourenço.

6.º

A escrituração andará sempre em dia e regularmente arrumada e estará sempre patente aos socios para exame.

§ 1.º—A remuneração ao socio encarregado da Caixa e escrituração, será fixada pela assembleia geral, que se reserva, quando o entender conveniente aos seus interesses, destituir o socio a quem tal cargo esteja incumbido.

§ 2.º—Para exercer o cargo da Caixa e guarda livros até á reunião da assembleia geral já referida, fica desde já nomnado o socio Adriano Joaquim de Carvalho.

7.º

A assembleia geral ordinaria será convocada pelo gerente em carta registada e com a antecedencia de oito dias, e as extraordinarias pela mesma forma quando convocados pelo gerente, pelo conselho fiscal ou por um numero de socios representando, pelo menos, a decima parte do capital.

§ 1.º—Não comparecendo a maioria do numero de socios na primeira reunião convocada, será logo convocada segunda reunião e nesta se deliberará validamente com qualquer numero de socios.

§ 2.º—E', porém, dispensada a reunião extraordinaria quando exposto o assunto por escrito pelo gerente, todos os socios concordem por escrito na deliberação a tomar.

§ 3.º—As deliberações constarão sempre de atas.

§ 4.º—A assembleia geral terá logar desde o dia 15 a 30 de junho para a eleição do gerente, do Caixa e guarda livros e conselho fiscal, aprovação do balanço e do mais que preciso seja.

8.º

O balanço anual será encerrado com a data de trinta e um de maio e será posto á reclamação dos socios durante quinze dias. Segui-

damente, será presente á assembleia geral ordinaria; e, aprovado que seja, prescreverá contra ele qualquer direito a reclamações.

§ unico.—O primeiro balanço reportar-se-ha a maio de mil novecentos e vinte e três.

9.º

O capital é como se disse de 270:000\$00, di tribuído pelas seguintes quotas: 31:000\$00 do socio Manuel Filipe: 25:000\$00 do socio Alfredo de Matos: 13:000\$00 do socio José Filipe: 12:000\$ do socio Francisco Lourenço: 9:000\$00 do socio Francisco dos Santos Pinto: 40:000\$00 do socio Francisco Fernandes Caleiro: 12:000\$00 do socio doutor Manuel Pereira da Cruz: 25:000\$00 de cada um dos socios Manuel Francisco Faulho Razoilo e Adriano Joaquim de Carvalho; dez mil escudos por cada um dos socios Francisco Nunes Moita e Anselmo José Lopes Ferreira; 25:000\$00 do socio Manuel Duarte dos Santos Gamelas; 5:000\$00 do socio Domingos Leite & C.ª, Lit.ª e 33:000\$00 do socio Manuel Gonçalves Vilão.

§ 1.º—Este capital é constituido pelo navio armado em lugre denominado *Portugalia* e por dois barracões de madeira construídos em terrenos arrendados na Gafanha da Cale da Vila, tudo pertencas da sociedade e ainda por dinheiro existente no cofre da sociedade.

§ 2.º—As quotas dos socios Manuel Filipe, Alfredo de Matos, José Filipe, Francisco Lourenço, Francisco dos Santos Pinto e Francisco Fernandes Caleiro, acham-se integralmente realizadas; da do socio Manuel Duarte dos Santos Gamelas, acham-se realizadas 12:000\$ e dos restantes socios estão realizadas 20 %. Os restantes 80 % entrarão nos quinze dias seguintes á chamada feita pelo gerente, conforme as necessidades da sociedade.

§ 3.º—As quotas já interiramente realizadas e a do socio Gamelas, só até 10:000\$ estão representadas pelo referido navio e barracões, ficando bem expresso que a cargo destes socios e nessa proporção fica responsabilidade de todo o passivo

constituido até á data de 20 de fevereiro findo.

10.º

Dos lucros liquidados aprovados em cada balanço de duzir-se-hão cinco por cento para fundo de reserva legal; igual percentagem para fundo de reserva especial, para ser aplicada conforme a sociedade deliberar; o remanescente será partilhado pelos socios na proporção das suas quotas em seguida á aprovação do balanço. Os prejuizos, havendo-os serão suportados pelos socios também na proporção das respectivas quotas, que darão entrada no cofre social no prazo de trinta dias seguintes ao balanço.

10.º

Os suprimentos á Caixa quando a gerencia e conselho fiscal assim o entenderem, poderão ser feitos por todos ou por qualquer dos socios mediante o juro de desconto da taxa do Banco de Portugal.

12.º

Os dinheiros disponíveis da sociedade serão depositados em qualquer Banco ou Casa Bancaria escolhidos pela Caixa, de acordo com o conselho fiscal e á ordem do mesmo Caixa que fará todas as operações por cheques, á requisição e também com a assinatura de gerente, devendo o respectivo caderno estar sempre em dia e patente no escritorio da sociedade.

13.º

A representação de qualquer firma associada é exclusiva da sua representação legal.

14.º

Só com o parecer do Conselho fiscal, cujo voto constitue deliberação neste caso, poderá o gerente efetuar qualquer contrato de fretamento de navio ou navios da sociedade, ou utiliza-los em qualquer exploração de conta propria da sociedade, fóra do seu objeto.

15.º

Quando qualquer socio deixar de fazer os pagamentos da parte da quota em divida dentro do praso marcado no § 2 do art. 9.º, o gerente cobrará por qualquer meio legal as prestações em divida e o juro de 12 % de móra. Passados 30 dias depois de novamente avisado pelo gerente, o socio

remisso poderá ser excluido da sociedade, perdendo neste caso em proveito da mesma a sua quota e os pagamentos parciais já efectuados, não deixando todavia de responder pelos prejuizos que da sua falta a sociedade venha a ter.

16.º

O socio que pretenda ceder a sua quota, terá de a oferecer previamente em carta registada á sociedade, ficando esta com o direito de a adquirir pelo valor que lhe tenha sido atribuido no ultimo balanço geral aprovado, e quando não haja balanço ainda aprovado, pelo valor inicial acrescido na respectiva parte no fundo de reserva legal e especial; se a sociedade declinar este direito, terá o socio ainda de a oferecer nas mesmas condições aos outros socios.

17.º

Se, porém, mais de que um socio a pretender adquirir e não chegarem a acordo sobre a sua partilha, e aquisição, será então a quota oferecida, adquirida por licitação. Se a sociedade em primeiro lugar, e os socios em segundo não responderem sobre a oferta no praso de quinze dias, poderá o socio proponente vender a estranhos, sem qualquer restrição.

18.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos socios, continuarão na sociedade os herdeiros ou representantes do socio falecido ou interdito, caso o queiram, nomeando de entre eles um que os represente a todos na sociedade. Querendo liquidar, essa liquidação far-se-ha conforme constar do ultimo balanço, e os pagamentos em prestações trimestrais.

19.º

No caso de dissolução a liquidação será feita pelo gerente e conselho fiscal. A fórmula da partilha será por licitação global do activo e passivo que será adjudicado a quem mais dér, se pela maioria dos socios não fór deliberado outro modo de liquidação.

§ unico.—Para as questões emergentes deste contrato entre os socios, seus herdeiros e representantes, ou entre a sociedade e qualquer destas entidades, fica

estipulado o fóro da comarca d'Aveiro, com renúncia expressa a qualquer outro.

Em tudo o mais que aqui não vai estipulado, regulam as disposições da Lei de 11 de abril de 1901 e mais legislação applicavel.

Aveiro, 12 de abril de 1922.

O notario ajudante,
José Robalo Lisboa Junior

Juizo de direito

Comarca de Aveiro

ARREMATACÃO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

PELO Juizo de direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do segundo officio — Barbosa de Magalhães — nos autos para venda e avaliação em que é requerente Manuel Marques Janvelho, casado, proprietario, de Eixo, desta comarca e requerido Clemente dos Santos, do Fial de Baixo, comarca de Albergaria-a-Velha, vão á praça, para serem vendidos pelo maior preço que fór oferecido, no dia 23 do corrente, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Praça da Republica, desta cidade os seguintes generos:

Um tonel que contém aproximadamente quinze almudes avaliado na quantia de 1250 cada almude ou seja o valor total na importancia de 22\$00.

Um tonel mais pequeno que contém aproximadamente vinte e cinco almudes de vinho inutilizado, avaliado na quantia de 50 (cincoenta centavos) cada almude, ou seja o valor total na importancia de 12\$50.

Pelo presente são citadas todas as pessoas que se julguem com direito ao produto da arrematação para deduzirem os seus direitos sob pena de revelia.

Aveiro, 30 de março de 1922.

Verifiquei:

O Juiz de direito substituto,

Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida
d'Ega

Silverio Augusto Barbosa
de Magalhães

Testa & Amadores**COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES**

Depositários do OPORTO OIL COMPANY — Telegramas: TESTA

Rua Eça de Queiroz

AVEIRO

Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa
CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALIZADO, 24 MILHÕES; FUNDO
DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

Aluguer de cofres fortes

N.º 1, 5\$00 semestrais ou 8\$00 anuais
N.º 2, 8\$00 " ou 18\$00 "
N.º 3, 12\$00 " ou 16\$00 "

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a ÚNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acesso aos cofres tem lugar todos os dias úteis,
das 10 1/2 às 15 1/2 horas

Eduardo Trindade

Venda de bicicletas
e acessórios. Oficina
de reparações

Representante das
motocicletas F. M.,
CLYND e EXCELSIOR

RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B
Aveiro

Mercearia**ABEL SIMÕES CRAVO**

Papelaria, perfumarias, chás, cafés e
chocolates, massas, bolachas e vinhos
finos. Arroz nacional por grosso e a
retalho. Miudezas e outros artigos.
Preços sem competência.

Peçam amostras e preços.

1, Rua Manuel Firmino, 3—Rua José
Estevam, 30-A—**AVEIRO**

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas
MERCEARIA

Grande depósito de cimentos nacionais e estrangeiros. Adubos, sulfato e enxofre. Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE."

Domingos Leite & C.ª, L.ª

Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B
AVEIRO

Livraria VIEIRA DA CUNHA—Rua Direita n.º 70 **AVEIRO**—

Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacas para livros—Louças—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

Alfaiataria**fazendas****João de Deus Marques & C.ª, L.ª****Gravataria****Camisaria****e Perfumaria**Rua João Mendonça—**AVEIRO****RICHARDO PEREIRA CAMPOS****PRACA DO COMERCIO—AVEIRO**

Generos alimenticios de primeira
qualidade. Variado sortido em mercearia, confeitaria, conservaria, papelaria e tabacos. Vinhos engarrafados, portugueses e estrangeiros. Cognacs, licores, cervejas, etc. Frutas em caixas e a granel. Novidades para brindes e muitos outros artigos.
Preços módicos Seriedade nas transações

Tomaz Vicente Ferreira

Fatos para passeio e cerimonia. Gabões e capas de agasalho
Alfaiataria

RUA DIREITA—AVEIRO**Empreza de Louças e Azulejos, L.ª****AVEIRO—PORTUGAL**

Fundada em 1919

Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação central de agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a que tem concorrido.

Ganneaux decorativos—Louça artística

CAMISARIA ELITE

Perfumaria, luvária, gravataria—Lãs
sêdas, rendas, malhas, pêtes, abafos e miudezas

DE**José Martins**Rua Coimbra, 6—**AVEIRO****Manuel Maria Moreira**

**Pazendas brancas e de lã,
retrozeria e modas.**

**BOBADOE E MIUDEZAS, BANCOS
CAIXA, BOLSINHOS E JÓIAS,
ENXOFRE E BOLA BATEBOLA**

Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Costureira)

AVEIRO**Tabacaria, Chapelaria e Mercearia —DE—****Agusto Carvalho dos Reis**

Praça do Comercio AVEIRO Rua dos Mercadores

Cervejas, cognacs, licores, vinhos
finos e de mesa—Tabacos nacionais e
estrangeiros—Perfumarias, papelaria,
quinquilherias, lotarias e objetos de
escritório—Chapelaria, gravataria e
suspensórios—Especialidade em chá e
café e outros artigos de mercearia.

Fabrica de Louça e Azulejos**DA FONTE NOVA**

—Fundada em 1882—

AVEIRO

—DE—

Manuel Pedro da Conceição

Premiada em varias exposições

Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

Estabelecimento de fazendas de lã,**sêda e algodão****José Antunes de Azevedo, Sucessores****PRACA DO COMERCIO—AVEIRO**

Deposito de diferentes fabricas. Vendas por atacado e a retalho.
Seguros contra fogo e de vida.

Salgueiro & Filhos, L.ª

Deposito de tabacos

nacionais e estrangeiros

Delegados da Companhia seguradora

"Sagres,"

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

Aveiro—Praça Luís Cipriano

Companhia
de Seguros

"Probidade,"

SEGUROS TERRESTRES E MARÍTIMOS

Agentes

Domingos Leite & C.ª, S.ª

AVEIRO

Grandes Armazens do

Chiado—AVEIRO

Tudo melhor e mais barato.
Completo sortido de todos os artigos
próprios para a presente estação.

Única casa de preço fixo
em AVEIRO

Humberto d'Almeida (aluno do «Curso superior de sciencias» e antigo professor no *Internato academico*, do Porto) explica todas as disciplinas do curso de ciencias dos liceus com inglês.

Na rua Direita, n.º 40 se trata.

CHARLOTTE E CAVALO

VENDE-SE o que pertenceu á familia Pereira Junior.

Tratar com José Pereira de Carvalho Branco, rua Manuel Firmino—AVEIRO.

Empreza de pesca

VENDE-SE uma, com todos os aprestes pronta a trabalhar, estabelecida na Costa-nova do Prado.

Trata-se com Paulo Guerra—Ilhavo.

CASA

VENDE-SE uma com quintal murado, parreiras, poço, bomba de volante e demais pertencas, sita na estrada que vai da Costa do Valade á estação de Quintãs, perto da casa do ex.º dr. Abilio.

Trata-se com os herdeiros do falecido ex.º Prior Sobreiro, na Costa do Valade.

Agencia funeraria Braga —Coimbra

Urnas, corôas e flôres artificiais

Rua do Arnada, 139

PREDIO

Vende-se um em Esgueira na rua Godinho, com terraço, quintal, poço, tanque e cavalariça.

Tratar com o tenente de cavalaria 8, Mimoso Serra.

Soares & Graça

SUC.ªs DE PEDROSA & C.ª

Armazem de cereais, farinhas, azeites e bacalhau, massas, bolachas e açucars

AVENIDA CENTRAL, 14 a 14-B

Aveiro

CENTRO FINANCEIRO, LIMITADA

127—Praça da Liberdade, 128—PORTO

Telegramas: Finannclal

Telefone: 791

Caixa do correio: 60

Operações bancarias de toda a especie

Compra e sáca letras de cambio sobre as principaes praças bancarias, e emite ordens telegraficas—Descontos de letras bancarias e commerciaes; cobranças das mesmas sobre qualquer praça do paiz ou estrangeiro—Compra e venda de fundos públicos, Bancos ou Companhias, dicções, apolices etc.—Coupons de qualquer especie—Moedas de todos os paizes em oiro, prata, cobre e papel.—Linheiro em conta corrente e a prazo fixo.

Para senhora e creança
CHAPEUS
LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sêdas e guarnições.
AVEIRO
Rizira Pinheiro Chevas
Rua Coimbra n.º 9

PAVL PEREIRA & CALIMDA
OURIVES-JOALHEIROS



JOLAS, PRATAS, FILIGRANAS.
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53
PORTO

CIMENTO

Para obras de responsabilidade. Barras de aço para cimento armado. Produtos impermeabilizadores e endurecedores para cimento.

Sociedade Commercial Financeira, Ltd.ª

Telefones. C 197 e 5267.

Rua do Alecrim, 65, 1.º—Lisboa

CASA BRAZIL

—ALFAIATARIA

Casimiras nacionais e estrangeiras

S. SILVA

104. Praça da Batalha, 105—PORTO

Padaria BIJOU, de —Macedo & Estevam

Das de todas as qualidades e tamanhos

á hora indicada

AVENIDA BENTO DE MOURA —AVEIRO—

Garage Trindade —Trindade, Filhos — AVENIDA CENTRAL—AVEIRO —

Comercio geral—Automoveis, motocicletas, bicicletas e seus accessorios

Importação das principais fabricas estrangeiras Agentes exclusivos das bicicletas e motocicletas "Triumph Cycle, Co. Lda Coventry,, Stock de pneumáticos "Michelin, para automoveis Oleos, Gasolina e massa consistente. Automoveis de aluguer. Oficina para reparações. Garage para recidha

SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10

FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e creança pelos ultimos modelos e minimos preços. Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega.

João da Cruz Bento & Irmão
Inspecionantes de pescado e sal

Praça do Peixe — AVEIRO

Serralheria a vapor — de Manuel Ferreira

EXECUÇÃO perfeita e com modicidade de preços, de todos os trabalhos concernentes á arte: portões, grades, lavatórios, camas, fogões, motores a vapor e engenhos de tirar agua, etc., etc.
Rua Tenente Rezende — AVEIRO

A Mobiliadora — José Augusto Ferreira & Filho
Aveiro — Praça do Comércio

Móveis em madeira e ferro — Colchoaria — Tapeçaria — Oleados — Carpetes — Cristais — Louças em porcelana e esmalte — Objetos de enfeite a toilette — Decorações.

O mais vasto estabelecimento no género

Salão COSTA

DE Ana Teixeira da Costa

Atelier de chapéus modelos, confeções e concertos, para senhora e criança. Grande sortido em plumas, sedas, veludos e outros enfeites.
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
Rua 31 de Janeiro, 52, 2.º — PORTO

Armazem de Sola, Cabedais e Calçado
em todas as medidas, formas e qualidades
FABRICO MANUAL — DA —

& Sapataria Migueis

O que de melhor, mais moderno e mais em conta se encontra.
Rua Coimbra — AVEIRO

PADARIA MACEDO

Especialidade no seu genero. Vende chá, café, assucar, vinhos finos e bolachas.

Praça de Comercio AVEIRO

Mercearia Aveirense DE

Francisco Porfirio da Silva

Chá, Café, Papelaria e Miudezas
Rua do Gravito

AVEIRO

Auto-Garage Fonsêca
Aveiro — Cão

Alugueis e concertos — Venda de artigos proprios.

Correiras diarias para o Furo e Costa-nova, de julho a novembro.

CHAPELARIA "IDEAL,"
DE **Eduardo Coelho da Silva**
Rua Direita. 12-A e 12-B — AVEIRO
Officina de chapéus e guarda-soes
Prontidão e esmero em todas as encomendas, pois está perfeitamente montada para isso. Serviço de novidade em bonés e chapéus para homem e criança. Transforma para qualquer gosto. Criação de guarda-soes; concertam-se e cobrem-se com segurança. Lindo sortido de guarda-soes e bengalas de castões modernos. Vende cordões artificiais, bouquets, etc., para sua

Ourivesaria VILAR
Sortido completo em ouro e prata. Jolas com brilhantes e pedras finas. Pratas artisticas e cristais guarnecidos. **RELOJOARIA** — sortido completo. Compra e vende objetos usados. Oficinas para concertos nos mesmos
Ruas Mendes Leite e José Estevam
AVEIRO

Chicória Sociedade Produtora de Chicória, Lid. — Rua Manuel Firmino, 33 — AVEIRO.
Chicória seca em grande quantidade e da melhor procedencia. Sementes de origem Magdurg, importadas directamente da Alemanha. Sementes de outras qualidades. Representantes da casa
Carl Beck & C.ª

Aceitam-se encomendas de qualquer semente de legumes, chicória ou beterrabas. — Preços modicos.
Pedir esclarecimentos na sede desta sociedade.

Confeitaria Mourão, Suc.ª

Sempre os mais finos doces de ovos, especialidades da terra. Fornece serviços de chá e sobremesa. Despacha em condições para o paiz, Africa e Brasil. Descontos aos revendedores. **OVOS MOLES** em latas ou barricas. Mariscos em conserva. *Engulas assadas á pescador.*

Rua Coimbra — AVEIRO

HOTEL AVEIRENSE

AVEIRO

Ruas do Gravito e do Seixal
Instalações em ampla casa apropriada
Aceio, hygiene e conforto.

PRIMOROSO SERVICO DE COZINHA

Ricardo da Cruz Bento FERREIRA
COM

Estabelecimento de mercearia, azeite e vinhos finos. — Licores, xaropes e aguardente. — Papelaria, objetos de escritorio e diversas miudezas. — Lônas para navios — Breu preto, louro e cru, utensilios para amanho de barcos, cordeame e poleame. Vendas por junto e a retalho
Praça do Peixe — Aveiro

Empresa Central Portuguesa, L.ª

(Sucessora de Maia, Martins & C.ª, Suc.)
90 — Rua Almirante Cândido dos Reis (à Estação) — AVEIRO —

Depósito de massas alimenticias, bolacha, e artigos de mercearia
Cereais, farinhas e sementes
Carboreto, sabão, cimento, sal, etc., etc;

A Portugal, L.ª

Solidez, elegancia e economia
Sempre os ultimos modelos aos preços da fabrica — Depósito geral para o distrito de Aveiro, no estabelecimento da **COELHO & FILHO** de Eduardo Osorio & Filho
Camisarias, gravatarias, confeções e artigos de novidade — **Grça 14 de Julho — Rua Mendes Leite**
AVEIRO

Tabacaria Moderna
DE **José Augusto Couceiro**
Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, etc. Tintas, livros, papel e outros objetos para escritorio. Tintas para pintar a oleo e aguarelas. Postais illustrados. Perfumarias. Camisaria e gravataria. Cervejas e aguas. Artigos tipograficos em todos os generos. Enquadernações.
Avenida Bento de Moura, n.º 1-A — AVEIRO

Officinas de Serralheiro e Segelro Carlos Migueis Picado
Executa com a máxima perfeição, prontidão e segurança, portões, grades (estilo antigo ou art-novo) lavatórios, camas, estameas-rios, motores a vento, depósitos, eixos, etc., e faz todos os concertos nestes artigos.
Construe fogões para lousa e carvão, cofres á prova de fogo, etc. Mobiliario, lousa em barro e esmaltada, colchoaria, etc. — **Officinas Largo da Representação — Depósito: Rua Direita — AVEIRO**

ELETRO-MECANICA
Grão, 2-A — AVEIRO — Rua Coimbra
Officinas: de metalurgia, serralheria, cobre, goma, poliamen, etc.
Eletricidade: Instalações de luz e força motriz com perfeição e segurança. Grande depósito de material electrico. Fabrico especial de candieiros em variados modelos. Não comprem sem visitarem a nossa exposição de candieiros, pois vendemos por preços vantajosos para reclamação. Contadores, aparelhos de mensage e aquecimento.
Artigos de novidade para brindes
Bronzes, metais, vidros e cristais, mármore, biscuit e outros artigos de fantasia.

CARNES Frêscas e salgadas

Vaca, vitela e cevado
Salchicharia — Pinguê — Tripa para enchidos
Avenida Agostinho Pinheiro
JOÃO LOPES Aveiro

"Luzostela," Fabrica de lixa e outros produtos: Lixas de todas as qualidades em vidro e esmeril, tanto em pano como em papel. **Pó de esmeril especial para limpar colheres**
Brito & C.ª — AVEIRO

FERREIRA & GUIMARÃES

Armazem de cabos, lonas e aprestos de navios
8507333 & 8507334
850 85 6018, 13 — AVEIRO
Telegr. MARIATO

VIDEIRAS AMERICANAS

BARBADOS e enchêrtos das mais resistentes e produtivas castas. Enchêrtos de pereiras das mais finas qualidades.
Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho
AVEIRO — REQUEIXO

Domingos L. da Conceição

— PARDELHAS — ESTARREJA —
Solicitador encarregado e agente de passagens e passaportes
Serviços de procuradoria e andamento de todos os processos: civis, commerciaes, orfanológicos, criminaes, etc.
Officinas passaportes e fornecimento passagens para todos os portos do estrangeiro e Africa-portuguesa mediante multa remuneratória.

Sal e pescado — FERNANDES
larga escala, para o paiz e estrangeiro, **ROQUE FERREIRA PATACÃO.**
Praça do Peixe — AVEIRO

Serralheria de ferragens para construções
Estabelecimento de ferragens nacionais e estrangeiras. Cutilaria, ferramentas, ferro, aço, carvão, etc., etc.
Ricardo M. da Costa, — Rua da Corredoura — AVEIRO.

MOVEIS Grandes armazens e oficinas de Jaime da Rosa Lima
Completo sortido de mobílias em todos os estilos. Móveis avulsos. Espelhos, molduras, tapetes, oleados e muitos outros artigos. Executa com prontidão por atacado e retalho. Oficina com pessoal habilitado para todos os trabalhos concernentes á arte. Restaurações, polimentos, etc.
Preços sem competencia.
Rua José Estevam, 23, 23-A
Rua dos Mercadores, 3, 3-A
AVEIRO

R. M. S. P.
Mala Real Inglesa

PAQUETES CORREIOS A SAIR DE LEIXÕES

Darro em 12 de Maio, para Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Buenos-Ayres.

Araguaya em 22 de Maio, para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos Montevideu e Buenos-Ayres.

Deseado em 26 de Maio, para o Rio de Janeiro, Santos e Buenos-Ayres.

Estes paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os Paquetes

Arlanza em 25 de abril, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Almanzora em 9 de Maio, para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Os paquetes "Arlanza," e "Almanzora," tem uma 3.ª classe superior

Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recomendamos toda a anticipação.

Esta Companhia tem carreiras regulares de paquetes de Hamburgo a New-York, com escala por Southampton e Cherbourg.

AGENTES
No Porto:

TAIT & C.ª
19, Rua do Infante D. Heurique.

Em Lisboa:
JAMES RAWES & Co
Rua do Corpo Santo, 47-1.